

GALERIA DA BOAVISTA

12.01-31.03.2024

BABUINO
TALISMA

Daniela Ângelo

curadoria

Bernardo José de Souza



Tem a humanidade o poder de fazer o universo entrar na sua mente? Ou seria a sua mente um talismã com o qual as leis do tempo e do espaço são abolidas?

– Honoré de Balzac

A um só tempo sólidas e diáfanas, totêmicas e talismânicas, as imagens de Daniela Ângelo possuem o condão de abrir passagens entre mundos e temporalidades tão diversas quanto distantes entre si. São corpos escultóricos gravados na emulsão bidimensional do celuloide: seres e artefactos cujas naturezas e origens foram esvanecidas pela lente da artista de forma a obliterar o ímpeto taxonômico que vem informar as epistemologias ocidentais. Assim, objetos colecionados por museus de arqueologia e história natural espalhados pela Europa convertem-se numa espécie de talismã, entes capazes de produzir uma ação à distância, conectando a cultura orgânica e material às insondáveis forças do universo; ou, dito de outro modo, entes capazes de nos aproximarem do desconhecido.

As imagens de Ângelo não representam necessariamente objeto algum, mas antes conformam uma espécie de anomalia ou miragem, uma operação plástica que acaba por trair a condição ontológica dos elementos cientificamente tipificados. Ao desvelarem a natureza opaca dos museus – que arbitrariamente sistematizam conhecimento sobre artefatos espoliados das mais variadas culturas, não raramente desconhecendo a natureza primeira ou oculta das peças colecionadas –, as imagens nesta mostra transfiguram tanto o campo simbólico quanto o tangível. Ao tempo em que forjam uma dimensão fantasmática, lançam sombra sobre as coisas que dão sustentação à assim chamada realidade, seja ela histórica, científica, material ou espiritual.

* * *

Os artefactos são interfaces que permitem diferentes formas de interação humana com o mundo, mas também permitem que o mundo interaja com o ser humano de maneira diferente.

– Beatriz Colomina e Mark Wigley

Adotando uma perspectiva orgânica sobre a fotografia – que faz dos movimentos de aproximação e afastamento da câmara (ou do olho), assim como dos reflexos, ferramentas de transformação dos corpos no espaço –, a artista questiona a suposta objetividade do dispositivo–museu, deixando-nos ver a estranheza nas mais variadas formas de design, seja o projetado pela humanidade, ou ainda aquele inerente aos seres bióticos e abióticos engendrados pela natureza não-humana. Nesta toada, Ângelo faz ruir a distinção entre corpos naturais e artificiais, tornando organismo e tecnologia entes análogos, indistintamente desprovidos de forma ou função imediatamente reconhecíveis, embora igualmente capazes de se afetarem mutuamente. Se, por um lado, estamos diante de coisas existentes – já tipificadas pela nossa cultura –, por outro, encontramos-nos perante a ambivalência e, por vezes, mesmo “monstruosidade” daquilo que nos cerca. Uma atmosfera de virtualidade emana das obras de Ângelo, cujo olhar algo canhestro nos posiciona num ponto de vista de admiração frente ao mundo, como se o vislumbrássemos pela primeira vez. É como se fôssemos convocados a uma vez mais aprender a ver, ou a ler – como se estivéssemos diante de elementos pertencentes a uma cultura cujo léxico ainda não nos foi possível desvendar.

Destituído da sua objetividade cognitiva, o museu torna-se espaço especulativo, e tudo aquilo que habita a sua paisagem é, por consequência, relativizado. Ao abandonar o centro de gravidade que posiciona sujeito e objeto em pontos equidistantes, Ângelo reforça a natureza essencialmente orgânica, quase animista, dos objetos fotografados: eles se tornam corpos estranhos, como se investidos de vida própria, embora desprovidos de contexto espaço-temporal específico, ou mesmo de um claro nexos semântico que os possa unir.

O que a artista parece fazer, entretanto, é remover o verniz taxonômico daquilo que já foi inventariado, fragilizando assim a suposta solidez da cultura material em escrutínio, quer no âmbito do conhecimento científico particular, quer na esfera metafísica: De onde vieram estes objetos, para que servem? Neste sentido, as fotografias que temos diante de nós são corruptelas visuais do exaustivo processo de nomear as coisas existentes no mundo – uma espécie de anamorfose que perverte a forma original dos objetos ou a própria noção de realidade. Em larga medida, como resultado de um expediente ilusionista, as imagens adquirem uma aura extraterrena, como se fossem o produto de outra civilização, entidades fantasmáticas de uma realidade oculta – tal qual estivéssemos a atravessar o espelho rumo a uma dimensão paralela, distinta da nossa, muito embora a ela se pareça.

* * *

O fim iminente do futuro oferece aos habitantes da modernidade ocidental a rara oportunidade de mentir.

– Federico Campagna

Como na célebre cena do filme de Luís Buñuel e Salvador Dalí, *Um Cão Andaluz*, em que uma navalha vaza um olho (ou a lua), as incisões feitas por Ângelo em algumas das imagens operam igualmente cortes na capa do real. Quer por meio da dupla exposição dos fotogramas, quer através de rasgos no negativo, somos instados a penetrar um plano de ocultismo, não necessariamente na acepção esotérica da palavra, mas, sim, na sua carga de aversão ao domínio científico colonial ocidental que insiste em instituir um único marco cosmológico, bem como em apartar cultura e natureza. Doravante, o mundo passa ser um constructo, uma forma de ficção, quiçá científica, muito embora essencialmente subjetiva.

Eivadas de um teor surrealista, as obras na presente mostra contrapõem a abstração da superfície pictórica às formas arquetípicas residuais dos objetos e artefatos fotografados.

Aleivosias imagéticas decorrentes do desejo de reinventar o mundo, ou tão-somente de nos assegurar que perspectivas inequívocas sobre a história, sobre a natureza e sobre a realidade simbólica e material não são só imprecisas e falsas, como costumam ser obscurantistas e exangues.

#1 – #14

Sem Título, 2023

Impressão a jacto de tinta sobre papel

Cortesia da artista

GALERIAS MUNICIPAIS – GALERIA DA BOAVISTA
Rua da Boavista 50, 1200-066 Lisboa

Todos os dias 10h-13h e 14h-18h
Entrada Livre

Visitas guiadas por marcação
mediacao@galeriasmunicipais.pt

www.galeriasmunicipais.pt